

**REVISTAS ACADÊMICAS:
em busca de definições, ou o que precisamos saber**

**ACADEMIC JOURNALS:
looking for definitions, or what we need to know**

**REVISTAS ACADEMICAS:
buscando definiciones, o lo que necesitamos saber**

Isadora Tavares Maleval

Professora Adjunta de Teoria e Metodologia da História do Departamento de História (CHT) da Universidade Federal Fluminense, em Campos dos Goytacazes. Possui doutorado em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: malevalisadora@id.uff.br

Susana Cesco

Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Possui doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: susanacesco@gmail.com.br

RESUMO

A divulgação do conhecimento produzido no âmbito acadêmico – sobretudo nas universidades públicas brasileiras – é de fundamental importância e os meios para tal estão diretamente ligados à classificação dessas instituições e, conseqüentemente, ao aporte de recursos destinados a elas. No âmbito da ciência, os periódicos de divulgação acadêmica/científica são, atualmente, os principais veículos de exposição dos resultados das pesquisas elaboradas no país, porém, ainda têm seus critérios e processos de publicação e classificação pouco claros ou até desconhecidos para muitos estudantes e até pesquisadores graduados. O presente artigo busca analisar a estrutura dos periódicos, sua classificação, critérios e forma de publicação, com o objetivo de apresentar, sucintamente, os passos percorridos por um artigo científico de sua elaboração até sua publicação e recepção.

Palavras-Chave: Periódicos acadêmicos. Pesquisa. Universidade pública.

ABSTRACT

The dissemination of the knowledge produced in the academic field - especially in the Brazilian public universities - is of fundamental importance and the means for this are directly linked to the classification of these institutions and, consequently, to the allocation of resources destined and them. In the field of science, journals for academic/scientific dissemination are currently the main vehicles for exposition of research results prepared in the country, but still have their criteria and processes of publication and classification unclear or even unknown to many students. even graduate researchers. This article search to analyze the structure of journals, their classification, criteria and form of publication, with the aim of briefly presenting the steps taken by a scientific article from its preparation to its publication and reception.

Keywords: Academic journals; Search; public university

RESUMEN

La difusión del conocimiento producido en el campo académico, especialmente en las universidades públicas brasileñas, es de fundamental importancia y los medios para esto están directamente relacionados con la clasificación de estas instituciones y, en consecuencia, con la asignación de recursos destinados a ellas. En el campo de la ciencia, las revistas de divulgación académica / científica son actualmente los principales vehículos de exposición de resultados de investigación preparados en el país, pero aún tienen sus criterios y procesos de publicación y clasificación poco claros o incluso desconocidos para muchos estudiantes, incluso investigadores graduados. Este artículo tiene como objetivo analizar la estructura de las revistas, su clasificación, criterios y forma de publicación, con el objetivo de presentar brevemente los pasos dados por un artículo científico desde su preparación hasta su publicación y recepción.

Palabras Clave: Revistas académicas; Investigación; Universidad pública

INTRODUÇÃO

Não importa qual a revista selecionada para a submissão de um trabalho; as dúvidas quanto à “qualidade” do texto, a avaliação por pares e uma eventual recusa sempre existirão, ainda mais quando os autores são estudantes em suas primeiras tentativas de divulgação de pesquisas acadêmicas.

Este ensaio procura identificar alguns caminhos e possibilidades, em especial para graduandos ou recém-graduados, que decidem transformar suas pesquisas em artigos. Sem a pretensão de indicar os melhores formatos para os trabalhos ou mesmo “dar dicas para publicar”, nosso objetivo é destacar a importância das revistas acadêmicas na divulgação de pesquisas em andamento ou finalizadas, além de ser uma forma relativamente simples e sem custos de publicação.

Somado a isso, a ampla circulação desses periódicos, em especial por serem, em sua maioria, digitais, é a possibilidade de levar a produção acadêmica para “fora dos muros” das Universidades e promover uma difusão de conhecimento de amplo acesso. Para tal é importante conhecer os processos e reconhecer a relevância desses periódicos.

O QUE É UMA REVISTA ACADÊMICA?

Sem dúvida, uma das maiores apreensões relacionadas à universalização do ensino universitário recai sobre a publicização do conhecimento produzido no âmbito acadêmico. Comunicar pesquisas desenvolvidas dentro das várias universidades Brasil afora surge com uma urgência cada vez maior. A forma como isso pode ser levado a cabo, contudo, muitas vezes passa despercebida. Dentro desse panorama, os periódicos de divulgação acadêmica/científica têm importância central. São eles, atualmente, os principais veículos de exposição dos resultados das pesquisas elaboradas no país.

Um primeiro ponto a ser desenvolvido, no que diz respeito à definição de uma revista acadêmica, é sua particularidade dentro de um quadro mais amplo de publicações. Aqui, não se trata de hierarquizar produções intelectivas, mas sim de demonstrar características, usos e objetivos distintos para cada tipo, quais sejam: uma linguagem técnica/acadêmica; são voltadas para um público leitor especializado, acostumado a dialogar com esse tipo de escrita; e contribuem com as engrenagens da produção em seus respectivos campos de conhecimento.

Vale notar, como aponta o historiador Roger Chartier (1992), que livros e impressos – dos quais faz parte a categoria das revistas acadêmicas – são objetos mercadológicos, voltados a um público consumidor específico. Não queremos dizer com isso que, no caso que nos interessa particularmente aqui, há necessariamente uma preocupação com o lucro puramente financeiro. Pelo contrário: ao centrarmos nossa análise sobretudo no campo das ciências humanas e sociais, é possível identificar a pouca ou nula lucratividade advinda das publicações periódicas. Grande parte destas são feitas de modo voluntário, inclusive.

Ainda assim, existe um mercado usuário desse tipo de serviço. Os leitores dessas revistas, ainda que tenham em sua grande parte um perfil bem demarcado – revistas da área de história, por exemplo, normalmente são lidas por pessoas em formação/formadas nesse campo de conhecimento ou afins –, utilizam-se de maneiras várias dos conteúdos por elas transmitidos. Chartier, quanto a isso, trata da prática da leitura a partir do termo *apropriação*: mesmo que o autor e, em grande medida, o editor tenham em mente *algo* que desejam comunicar e uma *forma* para fazê-lo, existe uma liberdade na maneira como o texto será lido. Trata-se, em resumo, daquilo que chamamos de *interpretação* de um texto.

Mas para que tratar disso em um artigo sobre revistas acadêmicas?

Ora, mesmo sinalizando para o fato de que uma revista acadêmica possui particularidades que fazem com que sejam distintas de impressos de outros tipos – publicações de grande circulação, principalmente – e que poderíamos resumir como sendo *receptáculos para divulgar pesquisas feitas dentro dos centros universitários e voltadas também a esse público*, há que se ter em mente que não há nenhum impedimento para que qualquer pessoa possa ler esse tipo de produção¹. Inclusive muito se debate hoje a respeito de uma transmissão do conhecimento científico para além dos circuitos estritamente acadêmicos. Apesar de muito relevante, essa discussão é profícua e, por fugir mais estritamente da temática proposta, não tem muito espaço nas páginas que seguem.

Em linhas gerais, portanto, desenvolvemos o seguinte argumento: uma revista acadêmica tem necessariamente que contar com trabalhos que se originam nesse âmbito. Mas, sendo um tipo de revista, contam com aspectos semelhantes aos de qualquer outra: necessita de uma estrutura mínima física² e de alguns colaboradores. Sem nos determos nesse ponto, poderíamos distingui-los como os *editores*, responsáveis por levar à frente o trabalho, inclusive demarcando uma fisionomia para o periódico, seu formato e tipo de publicação; os *pareceristas*, que avaliam os trabalhos submetidos às revistas; e, claro, os *autores*, que enviam seus textos para apreciação. Em casos de revistas grandes, a essa equipe somam-se consultores, diagramadores, ilustradores, entre outros.

Por ora, cabe ainda esclarecer a respeito de um critério fundamental para qualquer revista: a *periodicidade*. Como a palavra já indica, uma revista, sendo um *periódico*, deve ter certa regularidade de publicação. São feitas várias edições ao longo de um tempo determinado, a depender: uma, duas, três, quatro vezes ao ano. São publicações anuais, semestrais, trimestrais ou quadrimestrais, respectivamente. Essa periodicidade é, inclusive, levada em conta quando tenta-se obter o *Qualis*, conforme veremos posteriormente.

¹ Quanto a publicar em revistas acadêmicas, pode haver impedimentos. Isso porque existem regras para tal que, em grande parte, pressupõem certo grau acadêmico: no caso de revistas discentes, ser ao menos graduando. Em muitos casos a titulação é eliminatória, inclusive. Em revistas com Qualis A1, por exemplo, assume-se que o autor que deseje submeter um texto tenha o doutorado completo.

² Já que, atualmente, a imensa maioria das revistas acadêmicas é de caráter digital, alocada em sites, não há mais tanta necessidade de espaço físico. Além disso, muito do trabalho editorial dá-se através da internet: recebimento de manuscritos, contato com autores e pareceristas etc.

O QUE TER EM MENTE AO PUBLICAR?

Muitos acadêmicos têm dúvidas sobre como devem realizar o envio de originais para serem avaliados visando a publicação em revistas acadêmicas. As dúvidas costumam ser mais frequentes entre alunos da graduação, e, em menor grau, da pós-graduação. Muitas vezes, ao entrar para um curso de mestrado ou de doutorado, estudantes são colocados à prova pela necessidade de aumentar os índices de produtividade do Programa de Pós-Graduação a que está vinculado. Os graduandos, mesmo não sendo tão estimulados a produzir quanto os pós-graduandos, têm igualmente percebido a importância em comunicar suas pesquisas, para fins de estímulo à produção de conhecimento ou, tão somente, de preencher os currículos. Há, contudo, uma série de temores que surgem da incompreensão mesma do processo de escrita e de publicação acadêmicas.

Nesse sentido, um primeiro ponto a se destacar é justamente com relação à *escrita acadêmica*. Existe uma grande dificuldade entre alunos, especialmente dos recém-ingressos na universidade, de compreender a linguagem mais técnica e erudita dos textos lidos na graduação. Junta-se a isso a complexidade de ter de escrever trabalhos (e falar também, em apresentações de seminários) partindo de um linguajar mais rebuscado. Se levarmos em conta a realidade sociocultural brasileira, este aspecto ganha contornos mais nítidos. Até se transformar em um hábito, a linguagem academicista é vislumbrada com muito distanciamento pelos estudantes.

A importância de se fazer entender deveria ser a premissa central de um bom texto, seja ele “científico”, ou não. Também a esse respeito, vemos sendo travada uma série de discussões nos campos de conhecimento. Afinal, a “vulgarização” do saber deveria ser perseguida pelos membros da comunidade acadêmica; a sociedade deve receber de volta o investimento feito nas universidades, haja vista que, atualmente, grande parte da produção científica no Brasil é feita em instituições de ensino superior públicas.

Ainda que essa seja uma reclamação legítima, há que se ter em mente o aspecto retórico da escrita acadêmica. Em que pesem as diferenças entre as disciplinas, não é de todo errado dizer que qualquer artigo, monografia de final de curso de graduação, dissertação de mestrado e tese de doutorado apresentam uma teoria central, que é comprovada por meio de argumentos. No caso da matemática, estes podem ser fórmulas, por exemplo. Mas não deixam

de ser argumentos que compõem uma narrativa que tem uma finalidade específica, de convencer o leitor de que aquilo que está sendo dito tem de ser levado em consideração.

Assim, mesmo o estudante que não consegue entender o porquê de uma escrita tão pouco inclusiva – que costumamos chamar pejorativamente de “para nossos pares” –, deve notar a importância de saber se posicionar por meio de um texto, a partir de regras formais de escrita gerais ou específicas a cada campo³. Isso compreende premissas como: escrever a partir da norma ortográfica culta – mesmo que isso não signifique uma escrita muito refinada –, normalmente formatada a partir das regras estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e respeitando uma organização textual tradicional – deve ter começo, meio e fim, como em qualquer redação, ou seja, introdução (em que são estabelecidos os pontos principais da tese levantada), desenvolvimento (que expõe, justamente, a argumentação que embasa a ideia anteriormente articulada, e a desenvolve), e conclusão.

Mas, afinal, é simples submeter um texto a uma revista acadêmica? Qualquer um pode fazer isto e em qualquer momento?

Um primeiro ponto é levar em conta as *características* da revista. Isso significa saber que tipo de texto ela costuma publicar, sua linha editorial. Um estudante de pedagogia, por exemplo, deve procurar prioritariamente uma revista de pedagogia. De preferência, alguma que aceite trabalhos de discentes com formação em andamento.

Outro ponto é compreender o *modus operandi* do periódico. Como a grande maioria possui – e é veiculada por – *web sites*, há maior facilidade nesse sentido. Basta procurar por essas informações na página das revistas:

- I) *Como, quando e onde/através de quais meios devem ser entregues os originais*⁴: algumas revistas têm prazos bem delimitados de submissão, outras aceitam receber textos em fluxo contínuo, por exemplo.

³ Regras como as notas de rodapé, as citações e as referências bibliográficas. Para a historiografia, por exemplo, esses elementos são essenciais, desde a configuração da história como disciplina, no século XIX. São eles, entre outros aspectos, que fazem a difícil tarefa de tentar trazer a “realidade” do passado para o texto. Além disso, conferem certa legitimidade ao mesmo, configurando-se como narrativas-duplas, dentro da narrativa central. Importa a um historiador de ofício, por exemplo, saber de onde o autor de um texto extraiu certas informações, seja por curiosidade pura e simples, seja para confrontar tais informações com outras e, assim, movimentar o campo de estudos e a produção científica. A esse respeito, ver GRAFTON, 1998, p. 13-40.

⁴ O mais comum em tratando-se de revistas acadêmicas é que os trabalhos aceitos sejam inéditos: que não tenham ainda sido publicados previamente em outros veículos, sobretudo em outras revistas acadêmicas. Mas, para conferir tais critérios, é necessário atentar para a proposta de cada revista em particular.

- II) *Regras de submissão*: esta seção indica a *forma* como o texto deve ser preparado, levando-se em conta aspectos técnicos da escrita. Também costuma ser o lugar destinado a explicar *quem* pode enviar um texto para publicação. Esta etapa é eliminatória, ou seja, caso o autor envie um texto com formatação diferente daquela indicada pelo periódico, ou não esteja enquadrado na titulação pedida, o trabalho será recusado sumariamente, sem passar sequer por uma avaliação.
- III) *Tipos de submissão*: normalmente, são aceitos textos na forma de artigo, resenha, comunicação de pesquisa ou entrevista, a depender da revista em questão. Em alguns casos, são feitos também Dossiês Temáticos, com sugestão de prazos estabelecidos previamente. Para eles são denominados organizadores – normalmente professores doutores com notório saber na temática a ser explorada pelo dossiê – que, junto aos editores, também terão o trabalho de organizar a edição do periódico.
- IV) *Critérios de avaliação*: também vão levar em conta a fisionomia da revista, mas, em geral, os avaliadores buscam perceber a qualidade do texto em aspectos como escrita, coerência dos argumentos, questões próprias ao campo de estudos ao qual a pesquisa se vincula e a articulação com a temática estudada. Outro ponto de destaque costuma ser a *inovação* proposta no trabalho em questão, ou seja, no que ele colabora com os estudos de sua área de atuação: novos métodos, abordagens, objetos, teses etc. Por isso, os pareceristas devem, além de estar atentos às regras gerais de escrita acadêmica, ser especialistas no campo de estudos do artigo e estar atualizados com os debates mais recentes em torno dele.

As avaliações – feitas “às cegas”, ou seja, sem que aquele que avalie saiba quem está avaliando – habitualmente são elaboradas tendo em vista a aprovação plena do artigo e sua subsequente publicação (quando não há nada a ser modificado nele), a aprovação mediante correções, que devem ser feitas pelo autor (quando há pertinência do trabalho em questão em muitos pontos, mas ele deixa a desejar em outros, que podem ser aspectos técnicos de escrita ou questões de conteúdo) e a reprovação sumária (para o caso de ele estar completamente fora do escopo do periódico, seja por questões formais, seja por aquilo que expõe).

A CONSOLIDAÇÃO DAS REVISTAS ACADÊMICAS NO BRASIL: o *Qualis* e os Programas de Pós-Graduação

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) classifica periódicos nacionais e internacionais de forma a criar uma estratificação que indica a qualidade, divulgação e abrangência dos trabalhos acadêmicos publicados. Esse procedimento é recente e o que se tinha originalmente era uma avaliação instituída em 1977 e que considerava a qualidade dos Programas de Pós-Graduação. O que ocorria então era uma classificação geral dos cursos usando critérios qualitativos amplos que variavam de muito bom, passando por bom, regular, fraco até insuficiente e com divulgação apenas para as próprias instituições (BARATA, 2016).

O registro das publicações científicas de cada instituição só passou a ocorrer a partir da década de 1990, quando se tornou um critério para a classificação dos cursos, porém o que se considerava era apenas a quantidade de trabalhos publicados. A qualidade dos mesmos foi incorporada posteriormente e gerou uma nova dificuldade: como avaliar individualmente cada um desses trabalhos diante da crescente produtividade de professores e pesquisadores?

Ainda segundo Rita Barata (2016), a solução encontrada foi classificar os veículos que publicavam esses artigos e, ao criar critérios e um *ranking* qualitativo, a tarefa e a responsabilidade de selecionar trabalhos a partir disso seria da revista. Essa estratégia levou os veículos de publicação a definirem normas e diretrizes para seus colaboradores e os textos submetidos às revistas passariam pelo crivo de avaliadores capacitados, selecionados no mundo acadêmico. Trabalhos de cientistas, professores e intelectuais seriam avaliados, sem conhecimento de autoria, por seus pares, criando um sistema que pretendia publicar textos por seus méritos, independente de quem fosse seu autor.

Ou seja, o que passa a ser avaliado periodicamente são os veículos científicos em que haja publicações (periódicos, anais de eventos e livros) que representem a produção intelectual dos programas de pós-graduação brasileiros de todas as áreas do conhecimento. Essa classificação foi chamada de *Qualis* e tem por objetivo também a avaliação dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), em que atuem os autores desses trabalhos publicados, ponderando a qualidade da produção intelectual dos docentes e pesquisadores.

Isso tem um duplo reflexo: periódicos (especialmente, mas livros e anais também podem ser incluídos nessa avaliação) passaram a publicar trabalhos de qualidade elevada, de acordo com os critérios e normas instituídos, que podem ir desde a formação exigida para pretensos autores até a originalidade e impacto dos trabalhos. Assim, autores com formação acadêmica mais elevada, que escrevem trabalhos de impacto e qualidade reconhecida, publicam em revistas de maior visibilidade e reconhecimento acadêmico. Por outro lado, a qualidade de um Programa de Pós-Graduação começou a ser medida pela qualidade e representatividade de seus docentes e pesquisadores, medidas pelo veículo (revistas, livros, anais) onde os mesmos publicam o resultado de seus trabalhos de pesquisa e docência.

PERFIL DAS REVISTAS ACADÊMICAS

O resultado da criação do *Qualis* para periódicos foi elencar esses periódicos por estratos. Da mesma forma que cada revista criou normas para a submissão de trabalhos, a CAPES criou critérios para classificar um periódico como excelente ou bom, por exemplo. Além disso passou-se a considerar também as bases onde os mesmos estão indexados⁵. O resultado é o seguinte ranking:

A1 – contempla periódicos de referência internacional, indexados nas bases Web of Science e/ou JCR; **A2** – contempla periódicos de referência internacional, indexados nas bases Scopus e/ou Scielo, além de artigos publicados por doutores de diferentes instituições com publicação de 50% por volume de autores ou coautores filiados a instituições estrangeiras; **B1** – contempla periódicos de referência nacional, indexados em, pelo menos, uma das bases: LATINDEX (Sistema Regional de Información em Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España e Portugal); REDALYC (Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal); DOAJ (Directory of Open Access Journals – periódicos eletrônicos); CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales); CLASE (Citas Latinoamericanas em Ciencias Sociales y Humanidades), além de artigos publicados

5 Os indexadores reúnem um conjunto de títulos de periódicos que passaram por um processo de seleção. Impulsionados pela internet, eles levam os dados sobre os artigos de periódicos indexados, ou, ainda, seus resumos aos leitores. Os indexadores fornecem informações dos artigos originais ao leitor para facilitar a localização do material de interesse sem que seja necessário procurar minuciosamente todos os periódicos da área em questão. Essas informações incluem, usualmente: autor; título do artigo; título do periódico; ano, volume e/ou número do fascículo; número de páginas; etc. Normalmente, a lista de indexadores de um periódico figura no verso da página de rosto, próximo da ficha catalográfica. Além de contribuir para a aceitação e para o status da publicação no meio acadêmico-científico, isso facilita a identificação por parte de avaliadores, bibliotecários e pesquisadores da área. Exemplos mais conhecidos de indexadores de abrangência temática geral são o SciELO (nacional) e a Web of Science (internacional). Uma lista de indexadores de uma área específica pode ser obtida a partir do Portal de Periódicos da Capes. In: http://laboratorio.periodicos.ufsc.br/files/2017/04/criterios_indexadores.pdf

por doutores de diferentes instituições com publicação expressiva por volume de autores ou coautores filiados a instituições estrangeiras; **B2** – contempla periódicos de referência nacional indexado pela DOAJ (Directory of Open Access Journals) considerando também periódico que contenha artigos cujos autores doutores sejam vinculados a pelo menos 3 (três) instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume, além de manter periodicidade e acessibilidade; **B3** – contempla periódicos que contenha artigos cujos autores doutores sejam vinculados a pelo menos três instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume, além de manter periodicidade e acessibilidade; **B4** – contempla periódicos que contenha publicação de artigos com um número mínimo de autores doutores pertencente a diferentes instituições daquela que edita o periódico; **B5** – contempla periódicos que atendam aos critérios mínimos exigidos para ser classificado como periódico científico, mas não são relevantes para a área, assim como periódicos que atendam aos critérios mínimos, mas não atendem às exigências adicionais descritas nos estratos anteriores; **C** – contempla periódicos considerados não científicos e inacessíveis para avaliação (CARVALHO, 2017).

Os critérios definidos para classificação dos periódicos nos estratos delimitados acima são de ordem técnico-científico em que é considerada a qualidade e a variedade dos artigos submetidos através de estudos que promovam impacto na área. Outro ponto considerado é de cunho *institucional*, que envolve o intercâmbio local, regional, nacional e internacional entre instituições e pesquisadores no sentido de fomentar submissões/publicações variadas nos periódicos. Essa estratégia procura evitar a endogenia das publicações (coletâneas em que apenas autores de uma mesma instituição publiquem ou revistas ligadas a um curso ou Programa de Pós-Graduação que privilegiem trabalhos “da casa”). Somados a esses, fatores de cunho político editorial e o amadurecimento do periódico são fundamentais. Ao delinear as normas, diretrizes e formas de disseminação, além do corpo editorial, científico, consultivo e avaliativo, um periódico constrói uma identidade e passa a ser conhecido por isso. O mesmo se aplica à sua acessibilidade, periodicidade e registro em bases de dados, que indicam tanto um percurso, quanto a solidez desse percurso.

Quanto mais os aspectos técnico-científicos, institucionais, históricos e políticos-editoriais de um periódico se consolidarem, mais possibilidades de classificação nos estratos elevados (A1 e A2) se ampliam, visto que valorizam a qualidade de atuação do periódico em nível nacional e internacional. Na página da Capes é possível encontrar diversos documentos que estabelecem uma imersão sobre os critérios e procedimentos de avaliação e atuação dos periódicos instituídos pela Coordenação, assim como localizar informações sobre os periódicos nacionais e internacionais incluídos no *Qualis* (CARVALHO, 2017).

Em julho de 2019 a CAPES anunciou mudanças no “*Qualis Periódicos*”, o sistema que avalia os periódicos acadêmicos no Brasil. Segundo a CAPES, foi elaborada uma lista que

está sendo chamada de “*Qualis* Referência”. Essa lista seria formada pela combinação do número de citações obtido pelos periódicos em bases internacionais e de um “modelo matemático”. Na prática essas mudanças se baseiam em princípios diversos dos anteriormente usados, como: uma classificação única, classificação por grandes áreas ou áreas-mães e indicadores bibliométricos.

Se antes cada área de concentração qualificava as revistas separadamente, agora cada periódico recebe apenas uma qualificação que valerá para todas as áreas. A ideia de áreas-mães é a de agrupar os periódicos de acordo com a área em que houver o maior número de publicações. Os Indicadores bibliométricos consideram o número de citações do periódico dentro das bases: *Scopus* (CiteScore), *Web of Science* (Fator de Impacto) e *Google Scholar* (índice h5⁶). Se o periódico não possuir *CiteScore* nem Fator de Impacto, será considerado o valor do índice h5 do *Google Scholar*.

Esse “*Qualis* Referência” ou lista de referência foi elaborado pela Diretoria de Avaliação da CAPES, ou seja, as áreas receberam uma lista de periódicos com esta classificação que já foi divulgada entre as áreas e está sendo chamada de lista preliminar e ainda deverá ser analisada pelos coordenadores de área em conjunto com seus coordenadores de Programas de Pós-Graduação. A classificação dos periódicos passará a ser A1, A2, A3, A4 e B1, B2, B3, B4. A classificação C não foi considerada.

Com a ampliação do sistema de pós-graduação brasileiro e o sistema *Qualis*, o atual formato dos periódicos científicos tem criado uma ligação entre revistas acadêmicas e programas de pós-graduação e, nos últimos anos, revistas acadêmicas organizadas por discentes de pós-graduação. Periódicos que se voltam para a publicação de trabalhos de estudantes de graduação ainda são uma parcela muito pequena do total e precisam ampliar sua atuação aceitando trabalhos de profissionais já formados, mestrandos e também doutorandos para se adequar aos padrões de avaliação *Qualis*.

⁶ Índice H5 é um índice bibliométrico criado pela Google, disponibilizado no Google Scholar. O índice h5 é o indexador h dos artigos publicados nos últimos cinco anos. Trata-se do maior número h de uma publicação, em que h artigos publicados de 2011 a 2015, por exemplo, tenham sido citados no mínimo h vezes cada.

REVISTAS ACADÊMICAS DISCENTES

Diante das altas exigências de revistas A1, A2, B1 e B2 – levando-se em conta a classificação antiga –, ou A1, A2, A3 e A4 – a partir dos critérios mais recentes – em especial, o surgimento e fortalecimento das revistas classificadas nos estratos B3, B4 e B5, somando-se os B1 e B2 da lista de 2019, normalmente organizadas por discentes de programas de pós-graduação, são locais mais acessíveis para a divulgação de pesquisas científicas de profissionais que ainda não têm o título de doutor.

Trabalhos de estudantes de graduação têm mais dificuldade para encontrar espaço de divulgação. Por isso, a criação recente de revistas com vistas a possibilitar o compartilhamento de pesquisas realizadas naquele âmbito e, primordialmente, dar sentido à produção de textos elaborados durante o período de formação de estudantes ou de trabalhos de recém-formados é algo novo e importante. Contribuir para o conhecimento e a valorização da divulgação da pesquisa científica é tão relevante quanto a própria pesquisa.

As revistas abaixo são alguns exemplos de publicações que aceitam trabalhos de alunos de Iniciação Científica, e mostram o crescimento dessas publicações:

- *Revista de Iniciação Científica da FFC* – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista (UNESP). Só aceita trabalhos de alunos de graduação, com orientador;

- *Iniciação Científica Cesumar* – Centro Universitário de Maringá. Multidisciplinar, destina-se, prioritariamente, à publicação de artigos originais produzidos por discentes e orientadores vinculados aos programas de Iniciação Científica do CESUMAR e de outras Instituições de Ensino Superior, localizadas no país e no exterior;

- *Iniciacom – Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Publica trabalhos vinculados ao universo da comunicação social;

- *Revista Iniciação Científica* – Centro Universitário Newton Paiva;

- *Revista Anagrama* – Universidade São Paulo (USP). Foco em temas relacionados à mídia, imprensa e comunicação social a partir de uma ótica interdisciplinar. A principal meta é divulgar a produção acadêmica dos graduandos de qualquer área do conhecimento;

- *Revista Fronteira* – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Enfoque

em trabalhos que versem sobre Relações Internacionais;

- *Revista DAPesquisa* – Revista do Centro de Artes da UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina. Composta por temas como: artes cênicas, artes visuais, música, moda e design;

- *Revista O Mosaico* – Faculdade de Artes do Paraná. Publica trabalhos sobre artes;

- *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada (RICA)* – IBES/SOCIESC. Propõe como escopo a publicação de trabalho sobre ciências sociais aplicadas com visão interdisciplinar.

Por fim, temos como exemplo desse tipo de produção também a *Revista Multidisciplinar Discente Mundo Livre*, abrigada na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Publicação semestral, ela foi criada em 2015 e, desde então, privilegia trabalhos inéditos e originais desenvolvidos por alunos de graduação e de pós-graduação vinculados às áreas das ciências humanas, ciências sociais e ciências sociais aplicadas. A revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento⁷.

Atualmente, a *Revista Multidisciplinar Discente Mundo Livre* é composta por um corpo editorial de professores mestres e doutores de diversas universidades do país, além de alunos do ESR. Ela já está na sua oitava edição e aceita submissões *on line* em fluxo contínuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância dessas revistas recai, fundamentalmente, em seu perfil. Ao publicarem trabalhos de estudantes, afastando-se da premissa de impacto internacional e de textos de autores com comprovada excelência e formação profissional, estimulam jovens a se envolverem com pesquisa científica, dando visibilidade aos resultados de trabalhos realizados especialmente como parte de projetos coordenados por docentes e contempladas com bolsas de

⁷ Para consultar informações e edições do periódico, acessar < <http://www.revistamundolive.uff.br>>.

estudo ou, em outros casos, simplesmente como voluntários. Isso evidencia a importância do fomento à pesquisa e à Iniciação Científica que gera resultados palpáveis como os artigos aqui referidos ou mesmo monografias de conclusão de cursos.

As mudanças recentes ainda não podem ser dimensionadas, mas na prática tiram as particularidades de cada área, pois passa a classificar todas por uma mesma “medição”, independentemente de serem periódicos das áreas de ciências humanas, sociais, exatas biológicas ou qualquer outra. Isso certamente causará impacto nos currículos de pesquisadores que divulgam seus trabalhos nesses periódicos e, automaticamente, uma transformação na classificação dos Programas de Pós-Graduação em que esses pesquisadores atuam – quiçá nos recursos recebidos por esses programas e universidades.

A partir dessas observações podemos reafirmar a importância das revistas acadêmicas e seu impacto na vida dos pesquisadores. Em função dessa importância e do desconhecimento por parte de muitos estudantes sobre o que são e quais os caminhos que levam à publicação de um artigo acadêmico, o presente texto teve como objetivo principal apresentar a estrutura e as características das revistas científicas e os passos que levam à sua classificação e avaliação. Mesmo que o foco não tenha recaído sobre uma análise a respeito dos critérios dessa avaliação ou os méritos do processo, acreditamos que discorrer sobre o tema é fundamental para apresentar esse veículo aos leitores interessados, em especial discentes de graduação.

Além disso, apesar das muitas dificuldades e problemas ligados à pesquisa, em especial a falta de recursos e o desconhecimento que leva à desvalorização por parte de alguns segmentos da sociedade, é necessário destacar que é a partir desses estudos, que resultam em artigos e outros trabalhos acadêmicos, que a ciência se faz. Conhecer o caminho entre uma pesquisa acadêmica e sua publicação e consequente divulgação pode servir de estímulo a estudantes de graduação e pós-graduação, permitindo-os levar suas pesquisas para além dos muros da universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARATA, Rita de Cássia Barradas. “Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis”. *RBPG*, Brasília, v. 13, n. 1, janeiro/abril 2016.

CARVALHO, Jonathas. “Saiba o que é Qualis CAPES e quais os periódicos da CI com essa classificação”. *Carta Capital*. 3 de março de 2017.

CHARTIER, Roger, “Texto, impressão, leituras”. In: HUNT, Lynn. (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

GRAFTON, Anthony. “Notas de rodapé: a origem de uma espécie”. In: _____. *As origens trágicas da erudição*. Pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Campinas SP: Papyrus, 1998, p. 13-40.

RODACKI, André Luiz Felix. “Qualis: implicações para a avaliação de programas de pós-graduação das diferentes áreas do conhecimento - uma análise preliminar”. *RBPG*, Brasília, v. 13, n. 1, janeiro/abril 2016.

SOMA, Nei Yoshihiro; ALVES, Alexandre Donizeti; YANASSE, Horacio Hideki. “O Qualis Periódicos e sua utilização nas avaliações”. *RBPG*, Brasília, v. 13, n. 1, janeiro/abril 2016.